

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

Representações do Pavão no Livro das Aves de Brasília

Monografia de Graduação
Juliana Santos Dinoá Medeiros
Brasília, 2018

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

Representações do Pavão no Livro das Aves de Brasília

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História do
Instituto de Ciências Humanas da
Universidade de Brasília como requisito
parcial para a obtenção do grau de bacharel
em História, sob orientação da Prof^a. Dra.
Maria Eurydice de Barros Ribeiro.

Juliana Santos Dinoá Medeiros

Banca Examinadora

Prof^ª. Dra. Maria Eurydice de Barros Ribeiro
Orientadora

Prof^ª. Dra. Claudia Brochado
Departamento de História – IH/UnB

Prof^ª. Cintia Falkenbach
Departamento de Artes Visuais – IdA/Unb

Monografia defendida em: 29 de junho de
2018

Agradecimentos

À minha caríssima orientadora, Maria Eurydice de Barros Ribeiro, por ter aceitado me orientar nesta pesquisa e por me apresentar ao maravilhoso mundo dos medievalistas;

Aos integrantes do Programa de Estudo Medievais (PEM), em especial à Carlos Moreira, Fabio Fonseca, Matheus Furtado, Tiago Veloso e Thiago Borges, pelos vários conselhos, comentários, empréstimos de livros e discussões como grupo de pesquisa que tanto auxiliaram no desenvolvimento desta pesquisa;

À minha família e amigos, em especial Kamila e minha mãe, Adriana, que por dois anos me ouviram falar sobre “um tal pavão medieval”;

E ao meu avô, Tarcízio Dinoá Medeiros, minha fonte infinita de inspiração.

“Quando a mim, empenho-me mais em agradar aos simples do que em falar aos mais doutos, como se deitasse líquido numa vasilha cheia. De facto, quem ensina um homem sapiente por palavras como que deita líquido numa vasilha cheia.”

Hugo de Folieto

Resumo:

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as representações imagética e textual do pavão no Livro das Aves de Brasília (MS.02 OBR/BCE/UNB). Trata-se de um bestiário, gênero literário da Idade Média que interpreta por meio de alegorias e metáforas as aves, atribuindo às mesmas significados simbólicos. Escolhemos o pavão para a análise do texto e da iluminura correspondente pois é a única ave com o tratado completo dentre os fragmentos do manuscrito. O estudo foi dividido em três partes. Para melhor situarmos o manuscrito de Brasília no contexto medieval, comparamos seu texto e imagem com outros bestiários da mesma tradição, produzidos nos séculos XII-XIII. O estudo do Livro das Aves de Brasília, de seu conteúdo, aspectos codicológicos e de sua comparação com outros manuscritos semelhantes, possibilita a análise da manutenção do pensamento medieval durante o corte temporal (XII e XIV) e das mudanças que os manuscritos medievais adquirem como cópias. A pesquisa em si também colabora para a produção de bibliografia sobre um manuscrito ainda pouco conhecido.

Palavras-chave: Livro das Aves; Bestiário; Hugo de Folieto; Silva Neto.

Abstract:

This research aims to analyze the peacock's imagery and textual representations in the Book of Birds of Brasilia (MS.02 OBR/BCE/UNB). It is a bestiary, literary genre of the Middle Ages that interprets by means of allegories and metaphors the birds, attributing to them symbolic meanings. We chose the peacock for the analysis of the text and the corresponding miniature because it is the only bird with the complete treatise among the fragments of the manuscript. The study was divided into three parts. To better situate the manuscript of Brasilia in the medieval context, we compare its text and image with other bestiaries of the same tradition, produced in the XII-XIII centuries. The study of the Book of Birds of Brasilia, its content, codicological aspects and its comparison with other similar manuscripts, makes it possible to analyze the maintenance of medieval thought during the temporal cut (XII and XIV) and the changes that the medieval manuscripts acquire as copies. The research itself also contributes to the production of bibliography on a manuscript still little known.

Key-words: Book of Birds; Bestiary; Hugh of Fouilloy; Silva Neto.

Lista de Figuras

Figura 1. Fólio do Pavão	21
Figura 2. Livro das Aves de Brasília	26
Figura 3. Aviário de Lorvão	26
Figura 4. Aviário de Avignon	28
Figura 5. Aviário de Clairvaux	28
Figura 6. Aviário de Alcobaça	28
Figura 7. Aviário de Yale	29
Figura 8. Aviário de Cambrai	29
Figura 9. Harley Bestiary	29
Figura 10. Bodley 764 Bestiary	29

Sumário

<i>Introdução.....</i>	<i>9</i>
1. TRADIÇÃO DOS BESTIÁRIOS	12
<i>1.1 Aviarium</i>	<i>13</i>
2. O LIVRO DAS AVES DE BRASÍLIA	16
<i>2.1 Do fragmento.....</i>	<i>16</i>
<i>2.2 Aqui sse começa o tractado do paaon.....</i>	<i>17</i>
<i>2.2.1 Representação Textual</i>	<i>18</i>
<i>2.2.2 Representação Imagética.....</i>	<i>21</i>
3. PARTICULARIDADES DO PAVÃO DE BRASÍLIA	23
<i>3.1 Digressão Textual.....</i>	<i>24</i>
<i>3.2 Digressão Imagética.....</i>	<i>26</i>
<i>Conclusão.....</i>	<i>32</i>
<i>Fontes Primárias</i>	<i>34</i>
<i>Bibliografia</i>	<i>35</i>

Introdução

O Livro das Aves de Brasília (MS. 02 OBR/BCE/UNB), é fragmento de um manuscrito trecentista, escrito em português arcaico. Originalmente, trata-se de um besteiário, gênero que utiliza alegorias e metáforas, servindo-se de animais para exemplificar a moral cristã aos fiéis.

Na Idade Média, o pensamento medieval se guiava pelas representações simbólicas. Em especial na natureza, concebida como criação divina, acreditava-se ser possível, através da observação da mesma, o entendimento de elementos da doutrina cristã. De fato, recomendava Santo Agostinho “que a página divina seja para você o livro que permite ouvir falar dessas coisas, e que a terra seja para você o livro que permite vê-las”¹.

Os símbolos eram percebidos através de um processo analógico. Segundo Michel Pastoureau, o pensamento analógico medieval, que cria o símbolo identificado na natureza, relaciona aquilo que vê – presente no mundo terreno – à algo simbólico, invisível. Um gesto, uma cor ou um animal podem, dentro do processo analógico medieval, ter significados além do que aparentam².

Os animais integraram esse sistema de símbolos derivados das analogias com facilidade, pois estavam sempre presentes no cotidiano do homem medieval. Vistos como criação divina e tendo seus próprios comportamentos, a associação de animais à símbolos cristãos tomaram uma eficácia particular³.

Assim como Deus criou todas as coisas terrestres para uso dos homens, Ele teve igualmente o cuidado de moldar sadiamente o homem, com auxílio das mesmas forças naturais e dos mesmos impulsos incontrolláveis que introduziu os animais inferiores, para que o homem pudesse aprender com os próprios animais o que deve imitar, o que deve evitar, o que pode saudavelmente emprestar deles e que deve corretamente desdenhar⁴.

¹ Santo Agostinho, Enarrationes in psalmos, XLV, 7 apud GREGORY, Tullio. Natureza. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, Bauru: EDUSC, 2006, p. 263.

² PASTOUREAU, Michael. Símbolo. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, Bauru: EDUSC, 2006, p. 497.

³ CHAMBEL, Pedro Alexandre de Sacadura. *Os animais na literatura clerical portuguesa dos séculos XII-XIV – Presença e funções*. Tese (Doutorado) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003, p. 4.

⁴ Pedro Damiano, *De naturis animalium apud* GREGORY, Tullio, 2006, p. 264

Esse modo de pensamento que consiste em associar animais à símbolos, toma forma principalmente nos bestiários⁵. De caráter doutrinário, os bestiários apresentavam diversos animais como alegorias positivas ou negativas de elementos da doutrina cristã, para que servissem como exemplos aos fiéis. O Livro das Aves de Brasília, como bestiário, é, portanto, produto do pensamento medieval analógico.

Esta pesquisa tem como objetivo identificar o simbolismo do pavão no manuscrito de Brasília, buscando entender as analogias entre elementos cristãos e características naturais da ave. Analisamos uma única ave, o pavão – de um total de 11 – representadas no fragmento. A pesquisa divide-se em 3 capítulos.

No primeiro, contextualizamos o Livro das Aves de Brasília considerando sua tradição, no contexto dos bestiários. Esta etapa se fez necessária para entendermos os usos deste gênero literário na Idade Média. O segundo dedica-se à análise codicológica, textual e imagética do manuscrito. Aqui identificamos as representações simbólicas atribuídas ao pavão, tomando como ponto de partida o próprio texto. A transcrição paleográfica⁶ apoiou-se na edição crítica do fragmento elaborada por Rossi *et al*⁷. Além da identificação codicológica do fragmento e da representação textual, abordamos também sua representação imagética, que toma forma através da iluminura que antecede todo o texto destinado à ave. São identificados os aspectos formais da imagem, isto é, o desenho do pavão. Para a análise imagética da iluminura partimos da hipótese de que uma imagem em um manuscrito medieval adquire tanta importância quanto seu texto⁸.

O terceiro capítulo dedica-se à comparação da representação do pavão no Livro das Aves de Brasília com outros manuscritos da mesma tradição, ou seja, outros bestiários. Este capítulo permite ao leitor entender as particularidades do manuscrito trecentista em face à outros. Para a comparação textual, utilizamos a edição crítica de Maria Isabel Rabelo Gonçalves⁹ do Livro das Aves de Lorvão. A comparação das iluminuras, visando um estudo mais abrangente, foi estabelecida a partir de diversos

⁵ GREGORY, Tullio, 2006, p. 264

⁶ Feita pela autora desta pesquisa.

⁷ ROSSI, N (Org). *Livro das Aves*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

⁸ CORDONNIER, Rémy. Haec Pertica est regula. Texte, image et mise en page dans l'avarium d'Hugues de Fouilloy. In: VAN DEN ABEELE, Baudouin (ed.). *Bestiaires médiévaux*. Nouvelle perspectives sur les manuscrits et les traditions textuelles. Louvain-la-Neuve: Institut d'études médiévales, 2005, p. 73.

⁹ GONÇALVES, Maria Isabel Rebelo. *Livro das Aves*. Lisboa: Edições Colibri, 1999.

bestiários, selecionando aqueles que têm uma relação mais próxima com o exemplar de Brasília.

Pretendemos, ao final desta pesquisa, compreender a representação simbólica do pavão no Livro das Aves de Brasília e situar o fragmento como importante objeto de estudo da cultura medieval, em particular das formas literárias voltadas para prática da doutrina cristã.

1. TRADIÇÃO DOS BESTIÁRIOS

Ao longo da Idade Média, a disseminação do conhecimento era liderada pela Igreja¹⁰. A sobrevivência de textos antigos se deu dentro dos mosteiros, a partir da grande produção dos monges, que os copiavam. Além de textos clássicos, produzia-se, com o intuito de alcançar maior abrangência, aqueles relacionados à moral cristã. Cabe apontar que a finalidade não era guardar o conhecimento, mas servir como tarefa para o monge, um “combate à ociosidade”¹¹.

Além do texto escrito, os monges denominados copistas utilizavam as iluminuras para melhor entendimento do leitor. Nos *scriptoria*, local da produção dos manuscritos dentro dos mosteiros, havia uma divisão de tarefas, onde cada monge tinha sua função. Havia os que preparavam o suporte de escrita (o pergaminho), os responsáveis pela diagramação, pela escrita (o escriba) e pelas iluminuras (o iluminador) ou letras iniciais¹².

Até o século XIV, o principal material dos manuscritos foi o pergaminho. Após o século XV, o papel tornou-se gradualmente mais utilizado devido seu menor custo¹³. O processo de transformação da pele do animal para a base dos manuscritos era bastante trabalhoso. Fazia-se necessário raspar a gordura e penugem do animal abatido, mergulhar a pele em uma solução de cal de três a dez dias. Após, raspava-se com pedra-pomes, eliminando qualquer resquício de gordura. Mergulhava-se a pele na água para tirar o cal e, após, deixava-se secar ao sol para finalmente cortar no formato dos fólhos¹⁴.

É possível comparar a riqueza de mosteiros observando os pigmentos utilizados nas iluminuras e letras. Aqueles mais ricos produziam os manuscritos mais trabalhados, com letras folhadas em ouro e uso de pigmentos como o lápis-lázuli e púrpura¹⁵.

¹⁰ CLARK, Willem B. *The medieval book of birds: Hugh of Fouilloys' Aviarum*. Nova Iorque: Medieval & Renaissance texts & studies, 1992, p. 1.

¹¹ BARATIN, Marc; JACOB, Christian. *O poder das bibliotecas*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006, p. 248.

¹² DIAS, Elizangela Nivardo. A História, a Codicologia e os Reclames. *Revista Histórica*, São Paulo, ed. 4, 2004, p. 3. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao04/materia01/codicologia.pdf>. Acessado em: 03/06/2018.

¹³ Ibid., p. 2.

¹⁴ BENTON, Janetta Rebold. *Materials, Methods, and Masterpieces of Medieval Art*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2009, p. 3.

¹⁵ MEREGE, Ana Lúcia. *História do livro manuscrito*. Disponível em: http://planorweb.bn.br/documentos/historia_bibliotecas/historia_livro_manuscrito.pdf. Acessado em: 03/06/2018.

Em relação ao conteúdo desses códices - como se nomeiam os manuscritos medievais que são encadernados -, existia uma grande variedade de temas: textos litúrgicos, de literatura, enciclopédias, etc. Também muito comum era a produção de manuscritos relacionados à doutrina cristã, isto é, os manuais.

Um exemplo de manual de doutrina cristã são os bestiários, que se utilizam da figura de animais como alegorias para a moralização de seus leitores. Nos bestiários, diferentes animais são citados e ilustrados. Estes originaram-se do *Physiologus*, manuscrito de origem grega que se utilizava de animais e elementos da natureza para explicar dogmas cristãos¹⁶. O texto grego passou por traduções latinas, durante as quais sofreu diversas mudanças. Animais foram acrescentados, capítulos foram adicionados e aumentou-se a carga moralizante dos escritos, que passaram também a ter referências à outras obras cristãs, especialmente as *Etimologias*, de Isidoro de Sevilha¹⁷. São essas traduções que deram origem aos bestiários a partir do século XII¹⁸. O gênero literário se estendeu até o século XV.

1.1 *Aviarium*

Das traduções latinas do *Physiologus* originou-se o *De bestiis e aliis rebus*, que segue a tradição moralizante do primeiro. É dividido em quatro livros, sendo os dois primeiros, destinados à aves e mamíferos, produzidos por Hugo de Folieto¹⁹, um prior dominicano, entre 1132 e 1172. O primeiro, conhecido como *De Avibus*, apresentava uma espécie de bestiário que ilustrava apenas aves. As lições espirituais do aviário eram dadas a partir da associação das características físicas de cada ave com uma componente alegórica moralizante, sempre apoiada na moral cristã²⁰. O manuscrito de Folieto utilizava-se também das iluminuras, que ali adquirem tanto um papel didático quanto o de atrair a atenção do aprendiz²¹. “Com efeito, o que a Escritura indica aos mais sabedores

¹⁶ McCULLOCH, Florence. *Mediaeval Latin and French Bestiaries*. Chapel Hill: Univesity of North Carolina Press, 1962, p. 15.

¹⁷ CLARK, 1992, p. 4.

¹⁸ VARANDAS, Maria Angélica. A Idade Média e o Bestiário. *Medievalista*, número 2, 2006.

¹⁹ GONÇALVES, 1999, p. 12.

²⁰ CLARK, op. cit., p. 13.

²¹ Ibid., p. 15.

indicará a pintura aos simples: tal como o sabedor se deleita com a subtileza da escrita, também o espírito simples é atraído pela simplicidade da pintura”²².

O *De Avibus* tornou-se bastante popular, sendo ainda no século XII copiado diversas vezes em diferentes mosteiros na Europa. Originam-se, então, outros aviários e bestiários que incorporaram à seus manuscritos partes do aviário de Folieto, como é o caso dos bestiários ingleses Aberdeen MS. 24²³ e MS. Ashmole 1511²⁴. Consideramos nesta pesquisa que os aviários que têm seu conteúdo baseado no *De Avibus* fazem parte da “tradição de Folieto”. Ao contrário dos bestiários, que adquirem sua originalidade com a adição de capítulos, outras fontes ou novas moralizações durante a cópia, as cópias do aviário mantêm-se, de forma geral, fiéis ao original textual e visualmente²⁵.

Cada aviário da tradição de Folieto possui tratados de diversas aves²⁶, cada uma com uma alegoria positiva, negativa ou ambígua. Clark aponta sua produção como sendo direcionada expressamente à uma audiência monástica²⁷, hipótese esta que pode ser reforçada se levarmos em conta que alguns tratados direcionam suas alegorias à religiosos, como o caso do pavão, do galo, da andorinha, etc²⁸.

Willem B. Clark, que estudou a fundo 96 manuscritos copiados a partir do *De Avibus*, elaborou uma divisão destes em grupos²⁹ observando as relações entre cada aviário³⁰. Utilizaremos a classificação da autora nesta pesquisa. São os grupos:

1. *Heiligenkreuz*
2. *Paris*
3. *Ter Duinen*
4. *St. Martin*
5. *Aberdeen*

²² GONÇALVES, 1999, p. 59.

²³ *Aberdeen MS. 24*, século XIII, Aberdeen University Library, Aberdeen.

²⁴ *MS. Ashmole 1511*, século XIII, Bodleian Library, Oxford.

²⁵ CLARK, 1992, p. 22.

²⁶ Apesar de destinados à aves, é possível encontrar na tradição de Folieto tratados relativos à palmeira e ao cedro.

²⁷ CLARK, op. cit., p. 2.

²⁸ GONÇALVES, op. cit., p. 26.

²⁹ Tal divisão é possível pois, apesar de apresentarem características semelhantes em geral, as cópias da tradição de Folieto recebem, durante sua produção, elementos que permitem diferencia-las entre si em razão do local ou Ordem Monástica em que foram produzidas. Ver: CLARK, op.cit., p. 91-104.

³⁰ CLARK, op. cit., p. 40-89.

6. Aviários Independentes

É de especial interesse desta pesquisa os grupos 1 e 6.

No grupo *Heiligenkreuz* localizam-se os aviários portugueses. São eles os produzidos nos mosteiros de Lorvão, Santa Cruz e Alcobaça. Como os outros manuscritos pertencentes ao grupo, estes estão escritos em latim e possuem iluminuras no corpo do texto, tendo sua estruturação e componentes textuais considerados mais próximos ao aviário original de Folieto³¹. No entanto, como esclarece Clark, os três aviários portugueses possuem diferenças entre si, seja em variações textuais ou estilos e iluminura, levando a autora a afirmar que não são cópias uns dos outros, mas provavelmente de um modelo em comum³².

No sexto grupo, Aviários Independentes, localiza-se o manuscrito objeto desta pesquisa: o Livro das Aves de Brasília³³. É classificado por Clark, junto a outros seis manuscritos, como cópias únicas, sem relação clara com qualquer outra cópia para serem incluídos nos outros grupos³⁴.

Da classificação de Clark, destacaremos dois manuscritos: o Livro das Aves de Brasília, por ser razão desta pesquisa, e o aviário de Lorvão, pois acredita-se que o exemplar de Brasília foi copiado deste.

³¹ CLARK, 1992, p. 41

³² Ibid., p. 46

³³ Identificado por Clark como “Silva Neto Aviary”, op.cit., p. 88.

³⁴ Ibid., p. 85.

2. O LIVRO DAS AVES DE BRASÍLIA

2.1 Do fragmento

O Livro das Aves, que hoje se encontra preservado na Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE - é um fragmento composto por 9 fólios³⁵, produzidos em pergaminho, com 293x217mm. A escrita é de estilo gótico, de aspecto arredondado, predominante do século XIV em Portugal³⁶. O texto é ordenado em duas colunas de 36 linhas escritas cada, no geral, com unidade de regramento 6,5mm. Possui a cor vermelha nas rubricas que introduzem os tratados das aves e uma alternância entre a cor azul e vermelha na decoração filigranada de letras iniciais e caldeirões, que marcam o início de um novo parágrafo, capítulo ou parte secundária no texto. Possui também iluminuras coloridas em todos os tratados e em especial uma de tamanho maior no final do texto, que retrata o profeta Ezequiel. Observa-se nas iluminuras o uso as cores azul, vermelho, branco e verde. Os fólios do manuscrito apresentam suas bordas deterioradas. Em algum fólios é impossível reconstituir seu conteúdo. Identificamos, com a ajuda de uma lupa, as linhas da diagramação do manuscrito. Ao longo do texto também podemos identificar espaços em branco nos quais certamente deveriam ter sido colocados títulos em vermelho (rubricas) que iniciam um novo conteúdo.

Sabe-se deste que ele foi produzido em Portugal e permaneceu sob a posse do Dr. Jorge de Faria, que o adquiriu através de uma compra em Vila do Conde de mais de duzentas folhas de pergaminho “oriundas certamente do desbarato de algum mosteiro ou casa religiosa, ou por causa da extinção das Ordens, em 1834[...]”³⁷, até 1925, quando foi emprestado à Biblioteca Nacional de Lisboa. Logo após, foi adquirido pelo professor Serafim da Silva Neto e permaneceu em sua biblioteca particular até o período de sua morte, quando foi então comprado pela Universidade de Brasília em 1964 e lá se encontra atualmente.

³⁵ RIBEIRO, Maria Eurydice. *O Livro das Aves*. Fragmentos de um manuscrito desaparecido. Trabalho apresentado no I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, Rio de Janeiro, 2004, p. 2. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/mariaeurydice.pdf>. Acessado em: 05/06/2018.

³⁶ AZEVEDO, Pedro de. Uma versão Portuguesa da História Natural das Aves do século XIV. *Revista Lusitana*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, v. 25, nº1-4, 1925, p. 128.

³⁷ SILVA NETO, Serafim da. *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 106.

Além do Livro das Aves, mais dois manuscritos compunham o espólio de Serafim vendido à UnB, são eles os *Diálogos de São Gregório*³⁸ e *Flos Sanctorum*³⁹. Os três manuscritos compartilham entre si diversas semelhanças, tendo sido provavelmente produzidos em um mesmo mosteiro⁴⁰.

Do fragmento do Livro das Aves de Brasília, consta o prólogo, tratados sobre o Açor, o Tortor, o Cedro, o Noitibó, o Galo, a Ema, a Grua, o Mito, a Andorinha, a Cegonha, o Pavão, a Águia e uma iluminura do profeta Ezequiel rodeado pelos símbolos dos quatro evangelistas.

Entre os fragmentos, o fólio que apresenta o pavão se encontra bem preservado, sendo possível ler a maior parte de seu texto. O tratado do pavão localiza-se no final do manuscrito de Brasília, sendo a penúltima ave a ser retratada. No mesmo fólio, além de o tratado do pavão, dividido em frente e verso, temos o início do tratado da águia. Podemos observar, portanto, neste mesmo fólio, duas iluminuras: uma do pavão, e outra da águia, marcando o início de seus respectivos tratados.

As fontes citadas no tratado do pavão são as *Etimologias*, de Isidoro de Sevilha, e o Antigo e Novo Testamento. O texto, como os anteriores, aparece dividido por caldeirões que se alternam nas cores vermelha e azul. Cada caldeirão marca o início da descrição de uma determinada característica da ave.

A seguir, propomos a identificação dos símbolos que expressam as características da ave, tanto textual quanto imageticamente. Procuramos interpretar tais símbolos a partir do próprio manuscrito, levando em conta sua utilidade e a relação com outras fontes medievais.

2.2 *Aqui sse começa o tractado do paaon*

O paão, assi como diz Sancto Isidro leva o nome do sã da voz espantosa que da. Ca paão lhi dizẽ porque faz pavor e espanto aaqueles que o ouvẽ quando nõ estã percebudos e previstos dele. [...] pelos paãos que tragiã de Tarsis a Jherusalẽ entẽdemos os preegadores do avangelho de Jhesu Christo que preegã aos homẽs como sse partã dos gouvhos e dos prazeres do mũdo pera poderẽ viir aa gloria do parayso

³⁸ MS. 03, OBR/BCE/UNB.

³⁹ MS. 01, OBR/BCE/UNB.

⁴⁰ MEDEIROS, Juliana; VELOSO, Tiago. *Os manuscritos de Brasília*. Relações entre si e o Mosteiro de Lorvão. Trabalho apresentado no XI Semana de Estudos Medievais, Brasília, 2018.

*en que averã paz e lediça e prazer pera todo sempre e sobre todo tempo
sẽ fin e sen termho*⁴¹.

2.2.1 Representação Textual

A figura do pavão no Livro das Aves de Brasília está inserida na cultura de atribuições simbólicas dos bestiários. É apresentada no manuscrito trecentista como alegoria para os “mestres pregadores”, conforme observado na passagem extraída acima. Ao longo do tratado, são atribuídas à suas características físicas componentes moralizantes que colaboram com essa associação. O monge copista preocupa-se em descrever a carne do pavão, seu som, seu andar, a forma de sua cabeça, as cores que apresenta nas penas e sua cauda. Abordaremos, a seguir, tais descrições, seguindo suas ordens no manuscrito. Acreditamos ser possível, a partir dessa abordagem, perceber a associação entre estratégia didática, os símbolos representativos da moral cristã e as características naturais da ave.

Relativo à carne do pavão, o trecho se inicia com referência indireta à Isidoro, abordando sua característica dura e de difícil cozimento, diferente de outros animais. Apesar dos apontamentos de Isidoro, a ave era servida frequentemente em banquetes reais. Sua presença nas mesas, no entanto, se devia mais ao espetáculo de sua apresentação do que o sabor de sua carne: o pavão era servido com sua plumagem aberta, técnica que requeria muita habilidade dos cozinheiros⁴².

A descrição da carne toma forma simbólica quando é associada às mentes dos mestres pregadores, que “*nõ nas pode queymar fogo de cobiiça nẽ caentura de luxuria*”⁴³. A mesma dificuldade de cozinhar a carne do pavão seria observada, portanto, na resistência dos monges aos pecados da cobiça e luxúria. Essa passagem é interpretada como exemplo a ser seguido por aquele que a lê.

No trecho seguinte do manuscrito, em relação à voz do pavão, já tendo o monge mencionado a passagem de Isidoro, é então descrito o brado da ave, “*muyto espãtoso ca muyto sse espãtã os pecados quando o preegador os ameaça cõ as penas do inferno e do*

⁴¹ ROSSI, 1965, p. 49.

⁴² ADAMSON, Melita. *Food in Medieval Times*. Londres: Greenwood Press, 2004, p. 35.

⁴³ ROSSI, op. cit., loc. cit.

purgatorio ou con a justiça de Deus”⁴⁴. Fica claro neste trecho a associação entre a observação da natureza da ave e o simbólico. O pavão, quando se sente ameaçado, produz um som para muitos considerado desagradável.

Em relação a seu andar, o pavão anda com simplicidade, uma vez que “*o preegador que se pelo paão entende assi como dicto he deve mostrar en todas sas obras omildade*”⁴⁵. A questão da humildade faz-se importante se analisarmos o contexto do século XII⁴⁶. Com suas raízes no século XI, começaram a surgir pela Europa movimentos “desejosos de abandonar os excessos [...] em proveito de um modelo mais austero, inspirado na vida de Jesus e dos apóstolos”⁴⁷. Portanto, quando o monge aconselha seu leitor à simplicidade e humildade, nada mais faz do que refletir os anseios do contexto em que se encontra.

No trecho seguinte, que tem seu início no texto do manuscrito assinalado por um caldeirão (seguindo o padrão nos manuscritos trecentistas portugueses), podemos observar a associação de características físicas à alegorias moralizantes também se faz presente através da comparação do pavão com outras bestas, no caso, a serpente. Segundo o monge, o pavão teria a cabeça de serpente para que o mestre pregador guardasse

*todolos sentidos que Deus pos en seu corpo e o entendimento e a voontade para nunca consentir nem fazer nem hũa cousa que seja contra Deos e contra sa alma nem en dano de nengũũ e entõ guardara sempre o sseu estado assi como a serpente guarda sempre a ssa cabeça*⁴⁸.

Sobre a cor avermelhada nas penas do pavão, estas recebem tal coloração quando o mestre pregador “*sse alça pelas aas do seu entêdimento*”⁴⁹ para contemplar em como Cristo, para salvar os homens de seu pecado, deixou seu sangue verter, vermelho. A cor, então, através imaginação do monge, o faz “*todo tinto daquel sanguy que do seu corpo*

⁴⁴ ROSSI, 1965, p. 49.

⁴⁵ Ibid., p. 50.

⁴⁶ Nosso manuscrito, apesar de produzido no século XIV, faz parte de uma tradição que se inicia no século XII, como visto anteriormente nesta pesquisa. Levando em conta a relação textual do manuscrito de Brasília com sua tradição, faz-se necessária a contextualização do século em que as simbologias foram originalmente inculcadas no texto, isto é, o século XII.

⁴⁷ LITTLE, Lester K. Monges e Religiosos. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, Bauru: EDUSC, 2006, p. 236.

⁴⁸ ROSSI, op. cit., p. 50.

⁴⁹ Idem.

[de Cristo] *sayo per que salvou o mundo*”⁵⁰. A cor vermelha na cauda do pavão simboliza, portanto, o sangue de Cristo.

Sobre a cauda do pavão, seu comprimento sugere a vida posterior à morte “*no outro mundo*”⁵¹. Os “olhos” na cauda serviriam ao mestre para ver e entender os perigos que, se vontade de Deus, os homens “*en este mundo*”⁵² têm de lidar. Em relação às várias cores nela presentes, estas têm como função representar as várias virtudes que os pregadores possuirão na vida após a morte, na “*gloria do parayso en que viverã pera todo sempre*”⁵³. A cauda apresenta, portanto, significados que remetem tanto ao mundo terreno, com os “olhos” que identificam perigos, quanto ao paraíso e a vida após a morte, com seu comprimento e diversas cores.

A cauda da ave, ainda, se torna uma alegoria negativa quando aberta. Segundo o texto, o mestre pregador que alça sua cauda para agradar adutores, “*ca conhoce per sa vertude natural que a coa hera a parte do seu corpo que mais fremosa he*”⁵⁴, deixa de lado seu ofício de pregar a palavra de Deus para se render a vaidade, por vanglória. Quando a cauda está aberta, aparece a parte traseira da ave, “*muy layda, muy torpe e muy escarnida*”⁵⁵. Assim, faz-se rir do mestre orgulhoso, visto como homem de “*maao recado e maao entendimento*”⁵⁶. Por final, aconselha o copista ao leitor que, assim como o pavão, mantenha sua calda fechada, isto é, que cubra suas obras com a humildade, para que não se perca no pecado da vaidade ao se vangloriar daquilo que faz. Retoma, portanto, a questão a humildade, importante para a moral cristã.

⁵⁰ ROSSI, 1965, p. 50.

⁵¹ Idem.

⁵² Idem.

⁵³ Ibid., p. 51.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Ibid., p. 52.

2.2.2 Representação Imagética

Figura 1. Fólio do Pavão



A iluminura que inicia o tratado do pavão representa a ave de lado, com a face e corpo voltados para a esquerda. A figura é enquadrada em três molduras, branca, azul e vermelha, delineadas em preto no interior e no exterior. O fundo é amarronzado, com outra moldura branca, fina. Existem, também, diversos conjuntos de três pontos brancos no fundo.

As cores utilizadas para colorir a ave são azul, verde, preto, branco e vermelho. O pescoço e cabeça do pavão são coloridos em azul, bem como as três penas no topo de sua cabeça e seus pés. As asas são delineadas em preto, coloridas com vermelho e branco. A cauda, representada aberta na iluminura, tem as cores verde nas penas e azul nas extremidades destas.

3. PARTICULARIDADES DO PAVÃO DE BRASÍLIA

Como já visto, o *De Avibus* foi copiado diversas vezes por diferentes mosteiros, dando origem à vários aviários. O manuscrito de Brasília posiciona-se, em relação ao século de sua produção, como o mais tardio da tradição de Folieto. Com a longa separação temporal entre os aviários latinos do século XII e o Livro das Aves de Brasília, é de se esperar que hajam grandes diferenças entre eles. Essas diferenças – digressões – não provêm apenas das cópias, como entre os aviários latinos. Elas são, além de um motivo de cópia, resultados de uma transladação⁵⁷ do latim para o vernáculo e da separação temporal entre o século XII e XIV.

Como apontado por Clark, os aviários, no geral, mantinham grande fidelidade ao texto original de Folieto, característica esta observada na grande similaridade de seus conteúdos textuais e programa iconográfico⁵⁸. Não exclui-se, no entanto, o fato de as cópias diferenciarem-se entre si, partindo da afirmação de que raramente uma cópia é idêntica à outra⁵⁹. Denominamos digressões as diferenças analisadas entre um manuscrito e seu original, isto é, aquele a partir do qual foi copiado.

Por não termos acesso ao original de Folieto, utilizaremos para esta comparação o aviário de Lorvão. Produzido no século XII (1184) no mosteiro de Lorvão⁶⁰, em Portugal, ele faz parte, segundo Clark, de um grupo de aviários que mais se assemelham com o original de Folieto - o grupo *Heiligenkreuz*⁶¹. Hoje ele se encontra em Lisboa, no Arquivo da Torre do Tombo, e seus *fac-símiles* podem ser acessados *online*⁶².

De escrita gótica e em latim, as aves retratadas no aviário de Lorvão são a Pomba, o Falcão, a Rola, o Pelicano, o Noitibó, o Corvo, o Galo, o Avestruz, o Abutre, o Grou, o Milhafre, a Andorinha, a Cegonha, o Melro, o Mocho, a Gralha, o Ganso, a Garça, o

⁵⁷ O termo transladação é aqui empregado pois representa melhor o processo de tradução na Idade Média. As traduções não eram feitas de forma literal: buscava-se “explicar” o conteúdo para o leitor, resultando em diversas digressões ao longo do texto em relação ao seu original.

⁵⁸ CLARK, 1992, p. 22.

⁵⁹ Ibid., p. 92.

⁶⁰ GONÇALVES, 1999, p. 31.

⁶¹ CLARK, op. cit., p. 41.

⁶² <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4381076>. Acessado em: 03/06/2018

Carádrrio, a Fênix, a Perdiz, a Codorniz, a Poupa, o Cisne, o Pavão e a Águia⁶³. Além dos capítulos das aves, podem ser observados diagramas sobre a Palmeira e o Cedro.

No caso do manuscrito de Brasília, por termos acesso somente à nove fólios fragmentados, não podemos identificar se o copista excluiu tratados ou os acrescentou. Podemos afirmar, porém, que existem grandes digressões entre os textos quando estes são comparados. Para melhor identificarmos tais diferenças, analisaremos o tratado do pavão em ambos os manuscrito se compararemos seus conteúdos.

O estudo das digressões do Livro das Aves trecentista e sua comparação com manuscritos anteriores da tradição de Folieto nos permite escrever a história do manuscrito de Brasília e suas particularidades, bem como perceber as mudanças que as tradições religiosas e de produção de manuscritos medievais sofriam ao longo dos séculos.

3.1 Digressão Textual

No manuscrito de Lorvão, o capítulo sobre o pavão é iniciado com uma narrativa sobre o personagem bíblico Rei Salomão: segundo o texto, o Rei enviava a cada três anos um navio à Társis para trazer a Jerusalém ouro, prata e animais, tais como pavões e macacos. O autor⁶⁴ do manuscrito então define Társis “como observação de alegria”⁶⁵ e a frota de Salomão como “a virtude da confissão”⁶⁶. De Társis viriam aqueles que buscam a alegria, que se tornariam mais puros pela confissão. Este seria o ouro do Rei Salomão, com o qual este forjaria escudos. Os “escudos de ouro são os que vivem com pureza e defendem os outros do ataque do Diabo”⁶⁷. Na travessia de Társis para Jerusalém, também se purificariam os pavões, que, quando impuros, representam os “efeminados e zombeteiros”⁶⁸.

⁶³ GONÇALVES, 1999, p. 16.

⁶⁴ Para evitar confusão do leitor em relação aos termos copista e autor: o copista é a figura responsável por copiar o manuscrito original; o autor é aquele responsável pela produção do manuscrito original. No caso do Livro das Aves de Brasília, o copista é uma figura desconhecida, e seu autor é Hugo de Folieto.

⁶⁵ GONÇALVES, op. cit., p. 161.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ Idem.

Antes de descrever as características do pavão, o autor discorre sobre a história de Josafá, o rei de Judá, e como suas frotas se despedaçaram ao tentar ir ao encontro de Ofir em busca de ouro porque, segundo o autor,

[...] a frota de Josafat esforça-se por ir até Ofir em busca de ouro, para se adquirir pureza da mente, enquanto se pensa na destruição do mundo, Ora, quando isto acontece, diz-se que a frota de Josafat se destroçou em Asiongaber. Gaber ou Sião, como diz Jerónimo, entende-se como jovem ou forte. Não admira, pois, se o ímpeto da juventude destroçar a frota da confissão⁶⁹.

Na segunda parte, o autor descreve o pavão, utilizando-o como metáfora para os mestres pregadores⁷⁰, a mesma lógica presente no Livro das Aves de Brasília.

No manuscrito de Brasília, a história de Josafá foi desprezada. O texto inicia-se com a descrição da natureza do pavão, observada somente na segunda parte do texto do manuscrito de Lorvão. A menção à narrativa do Rei Salomão também é modificada pelo copista: ao se referir aos pavões trazidos pelo Rei, acrescenta-se que estes, quando trazidos à Jerusalém, representariam os pregadores do evangelho de Jesus Cristo⁷¹.

Outra adição relacionada ao Novo Testamento, que não está presente no manuscrito de Lorvão, pode ser observada na descrição da cor avermelhada das penas do pavão. Enquanto no primeiro manuscrito afirma-se apenas que “a cor avermelhada nas penas significa amor da contemplação”⁷², no Livro das Aves de Brasília o copista faz menção à Jesus Cristo, ao afirmar que as penas das asas seriam vermelhas pois

*Ca o pregador, quando sse alça pelas aas do seu entendimento pera cuydar e contẽprar en como o ffilho de Deus quis seer homẽ pera salvar os pecadores pela morte que por eles sofreu, todo sse banha e deleyta en aquel sanguy que do seu corpo sayo [e] quis leyxar verter. E assi per as ymaginaçõ fica todo tinto daquel sanguy que do seu corpo sayo per que salvou o mundo*⁷³.

As digressões textuais no fólio do pavão trazem para o manuscrito trecentista referências ao Novo Testamento que não existiam nos tratados anteriores da ave na tradição de Hugo de Folieto. A combinação que o monge escriba faz das características físicas e simbólicas do pavão com a figura de Jesus Cristo reflete sua vontade de excluir

⁶⁹ GONÇALVES, 1992, p. 161.

⁷⁰ Ibid., p. 163.

⁷¹ ROSSI, 1995, p. 49

⁷² GONÇALVES, op. cit., loc. cit.

⁷³ ROSSI, op. cit., p. 50.

de seu texto outras citações ao Antigo Testamento em prol do Novo. Sua ação revelaria, se tomarmos como base a diferença de séculos entre os primeiros aviários (séc. XII) e o Livro das Aves de Brasília (séc. XIV), sua intenção de atualizar o conteúdo do bestiário. Através desta digressão, percebemos as diferenças do uso de excertos da Sagrada Escritura no período de dois séculos no país.

3.2 Digressão Imagética

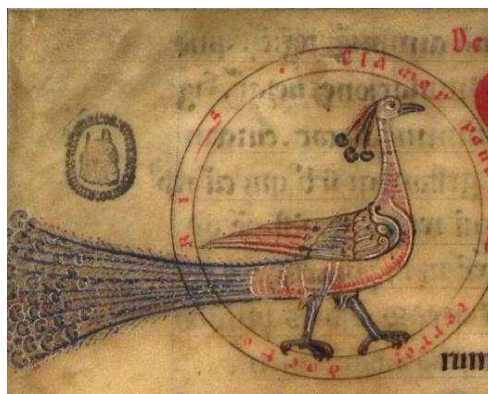
Nas iluminuras representadas ao longo do Livro das Aves de Brasília, podemos perceber diferenças quando comparadas ao manuscrito de Lorvão. Denominamos tais dissemelhanças digressões imagéticas. A palavra digressão, em seu significado original, se refere às mudanças e adaptações ocorridas durante a tradução ou transladação de um texto. No caso das imagens, tais mudanças também ocorriam. Portanto, aqui tomamos a palavra como empréstimo para identificarmos as mudanças que a iluminura no Livro das Aves de Brasília sofreu durante sua cópia, isto é, as digressões imagéticas. Ribeiro, em um estudo prévio, já observava a dissemelhança entre as iluminuras do manuscrito de Brasília e as do manuscrito de Lorvão⁷⁴. É o caso, por exemplo, da representação imagética do pavão. No manuscrito de Brasília, o pavão aparece com a cauda aberta (fig. 2), enquanto no manuscrito de Lorvão, a cauda aparece fechada (fig. 3).

Figura 2. Livro das Aves de Brasília



MS. 02 OBR/BCE/UNB, f. 8r

Figura 3. Aviário de Lorvão



Torre do Tombo, Ord. Cister, Most. Lorvão, Códice 5

No manuscrito medieval, em especial em bestiários e aviários, a iluminura apresenta uma importância tão grande quanto o texto. Em seu artigo, Rémy Cordonnier defende a concepção das iluminuras no texto medieval, em especial nos aviários, como

⁷⁴ RIBEIRO, 2004, p. 8.

instrumentos fundamentais de didática⁷⁵. Como exemplo, o autor cita o prólogo do manuscrito *De Avibus*, no qual seu autor, Hugo de Folieto, afirma utilizar-se da imagem para transmitir o conhecimento aos simples⁷⁶. Sendo assim, a imagem se declara tão importante quanto o texto na doutrinação daqueles que se iniciam na vida religiosa, principal objetivo dos bestiários e aviários.

Além disso, Cordonnier defende a estreita interação entre imagem e texto, sendo ambas partes integrantes de seus desenvolvimentos. “*Cette ‘symbiose’ n’est pas le fruit d’un heureux hasard. Elle a été pensée et conçue par Hugues comme l’un des moyen de transmettre l’enseignement dispensé par son livre*”⁷⁷. Segundo o autor, uma vez admitida a importância das imagens nos aviários, tal qual o texto, suas especificidades e o modo como são retratadas não podem ser vistas como ocasionais.

Como explicitado acima por Cordonnier, infere-se que as iluminuras representem o mesmo objeto (no caso, alegoria) que o texto retrata. Na tradição do *De Avibus*, a cauda do pavão, quando aberta, adquire, textualmente, uma alegoria negativa, pois representa o orgulho, pecado a ser evitado por aqueles representados pela ave, os mestres pregadores.

Nota também que o pavão, quando elogiado, levanta a cauda, tal como um prelado ergue a mente, por vanglória, com os elogios dos adúladores. Põe as penas em ordem, porque tudo o que o mestre faz julga fazê-lo segundo a Ordem. Quando a cauda se levanta, são deixadas à mostra as partes traseiras: assim, o que é louvado na obra é troçado no orgulho. Por conseguinte, convém que o pavão tenha a cauda em baixo, para que o mestre faça com humildade o que fizer⁷⁸.

Imageticamente, em grande parte da tradição dos aviários, a cauda do pavão é ilustrada fechada, consoante ao que é apresentado no texto, pois sendo um instrumento didático a imagem nos aviários deve retratar o exemplo a ser seguido. Abaixo, as figuras 4-8, representações da ave em alguns aviários do grupo *Heiligenkreuz*:

⁷⁵ CORDONNIER, 2005, p. 73.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Ibid., p. 74.

⁷⁸ GONÇALVES, 1999, p. 163.

Figura 4. Aviário de Avignon



Paris, Bibl. Nat., MS. Lat. 2495, f. 28v

Figura 5. Aviário de Clairvaux



Troyes, Bibl. Mun., MS. 177, f. 158v

Figura 6. Aviário de Alcobaça



Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, MS. ALC. 238

Figura 7. Aviário de Yale



New Haven. Yale University Beinecke Library, Beinecke MS. 189

Figura 8. Aviário de Cambrai



Cambrai, Bibl. Mun., MS. 259, f. 192v

Figura 9. Harley Bestiary



Londres, British Library, Harley 4751, f. 54v

Figura 10. Bodley 764 Bestiary



Oxford, Bodleian Library, MS. Bodley 764, f. 84v

Em toda a tradição de Folieto, o pavão aparece com a cauda fechada, salvo em algumas exceções: no Harley MS 4751⁷⁹ (fig. 9) e MS. Bodley 764⁸⁰ (fig. 10). Estes fazem parte da Segunda Família de Bestiários Latinos, segundo classificação de McCulloch⁸¹, e do grupo Bestiário de Aberdeen, segundo classificação de Clark⁸². Ambos os bestiários ingleses possuem similaridade entre seus textos e iluminuras, tendo provavelmente sido produzidos em uma mesma época e locais aproximados⁸³. As exceções possuem uma possível explicação. É comum na Segunda Família de Bestiários a presença de alguns capítulos não moralizados, provavelmente em razão de que algumas de suas fontes não possuem a característica moralizante, tais como *Etimologias*, de Isidoro de Sevilha⁸⁴. Nestes dois bestiários, textualmente a ave não tem atribuída à sua cauda aberta a alegoria negativa do orgulho. Cabe lembrar que os dois bestiários não possuem o texto completo do *De Avibus* ao retratarem algumas aves, tendo apenas poucas passagens do texto de Hugo de Folieto. Logo, as iluminuras dessas exceções não contradizem seus textos, podendo, portanto, serem excluídas desta problemática.

No caso do Livro das Aves de Brasília, no entanto, existe uma diferença entre iluminura e texto: enquanto o texto afirma a alegoria negativa à cauda aberta, o pavão é assim retratado na imagem:

E porque quando o paão alça a coa pelo louvor que lhi dizẽ aparece a parte prestumeyra do seu corpo desnuda e descoberta, muy layda muy torpe e muyto escarnida, assi o preegador quando sse alça per vãã gloria pelos lousinhos que lhi disserõ aqueles que o veẽ ou ouvẽ que sse deleytã en tal gloria qual recebeu pelo louvor vaão que os homens del disseron, tee-no por louco e por vaão riin e escarnecem dele come d'omen de maaõ recado e de maaõ entendimento. E porende faz mester ao paão que traga a coa amerguda para cobrir con ela a prestumeyra parte de seu corpo que he tã layda e tã torpe. Ca o preegador que he doctor dos poboos a que preega e de que devẽ tomar todolos outros exemplo, deve a cobrir totalas sas obras

⁷⁹ Harley MS 4751, British Library, Londres.

⁸⁰ MS. Bodley 764, Bodleian Library, Oxford.

⁸¹ McCULLOCH, 1962, p. 36.

⁸² CLARK, 1992, p. 74.

⁸³ Ibid., p. 85.

⁸⁴ CLARK, Willene B. *A Medieval Book of Beasts. The Second-Family Beastiary: commentary, art, text and translation*. Woodbridge : The Boydell Press, 2006, p. 45.

*que fazer e que disser da homildade, ca sen homildade nã ha
cousa que bẽ possa receber*⁸⁵.

Se retomarmos a afirmação de Cordonnier de que nos aviários a imagem possui tanta importância como o texto, admitir que a representação da cauda aberta poderia ser oriunda de um “descuido” ou de uma questão estética é desprezar todo os sentidos e funções da imagem medieval nos manuscritos. Como aponta Ribeiro, “as intervenções no texto e nas iluminuras não correspondiam a um simples desejo do copista. Texto e imagem podiam se modificar em conformidade com as mudanças culturais e sociais”⁸⁶.

⁸⁵ ROSSI, 1965, p. 51-52.

⁸⁶ RIBEIRO, 2004, p. 9.

Conclusão

A análise do conteúdo do Livro das Aves de Brasília reforça a filiação do manuscrito ao aviário de Hugo de Folieto. De acordo com Marie Hélène Tesnière, Folieto foi também o responsável pelos desenhos estilizados das aves, “estritamente associados ao texto para facilitar a memorização da exegese espiritual da Escritura”⁸⁷. Este modelo escrito em diagramas, em que cada texto traz a representação da ave que lhe é correspondente, foi copiado e espalhou-se por boa parte dos mosteiros europeus. Estes diagramas e desenhos repetiram-se na versão para o português que se encontra guardado no cofre da Biblioteca Central da Universidade de Brasília e que foi o objeto de estudo desta monografia.

Acredita-se que a versão para o português arcaico do aviário de Folieto seja uma cópia do manuscrito de Lorvão, ao qual fizemos referência no primeiro e terceiro capítulos. O estudo do texto e a relação em particular com o pavão permitiu concluir que a cópia não foi literal. Porém, foi fiel na indicação das fontes que constituem a tradição do texto, tal como Santo Isidoro, citado no tratado do pavão. Podemos perceber, com as citações feitas no corpo textual do manuscrito, a manutenção de um pensamento analógico que se iniciou no século VI, com Isidoro de Sevilha, assim como a interpretação simbólica cristã da natureza, recomendada por Santo Agostinho. Ambas exemplificam a continuidade deste pensamento. Essa continuidade esteve presente nos primeiros aviários a partir do original de Folieto, produzidos no século XII, e se estendeu até ao manuscrito de Brasília, no século XIV. A partir dessa localização temporal, pudemos constatar que tal continuidade só se fez possível devido ao conhecido procedimento dos monges de copiar os manuscritos mantendo-se fiéis aos textos originais. No entanto, vários estudos têm demonstrado algumas variações e digressões na tradução dos textos.

Afirmar, portanto, que o texto presente no manuscrito trecentista equivale à uma tradução literal dos aviários latinos seria um equívoco. Como observamos, durante a cópia e, em especial, devido ao espaço temporal que divide a produção do manuscrito de Brasília e dos outros aviários, várias mudanças foram feitas, tanto textuais quanto imagéticas. O copista do século XIV preocupou-se em adicionar citações ao Novo

⁸⁷ TESNIÈRE, Marie Hélène. *Bestiaire Médiéval: Enluminures*. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2005.

Testamento e excluir aquelas remetentes ao Antigo Testamento, em uma provável intenção de atualizar o texto que copiava. Como vimos, as alterações durante as cópias, com a finalidade de adaptar o conteúdo dos manuscritos medievais à região, temporalidade ou cultura, eram frequentes.

A partir da diferença na representação imagética da cauda do pavão no Livro das Aves de Brasília e em outros aviários, pudemos observar uma mudança na recepção dos manuscritos em função do século em que são produzidos. A imagem no aviário deixa de representar apenas o exemplo a ser seguido, isto é, a alegoria positiva, e passa a representar também aquilo a ser evitado. A cauda do pavão sendo desenhada aberta, simbolizando o pecado da vaidade, ilustra este exemplo. O manuscrito de Brasília difere-se dos outros aviários nesse sentido.

Por fim, o estudo do Livro das Aves de Brasília nos permite não só escrever a história deste manuscrito e de suas particularidades, mas também de um dos aspectos da história sócio cultural de Portugal nos séculos XII-XIV, em especial, dos costumes monásticos e suas mudanças.

Fontes Primárias

Aberdeen MS. 24, Aberdeen University Library, Aberdeen.

Beinecke MS. 189, Yale University Beinecke Library, New Haven.

Harley MS 4751, British Library, Londres.

Livro das Aves, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Ordem de Cister, Mosteiro de Lorvão, Códice 5.

MS. 01, OBR/BCE/UNB

MS. 02, OBR/BCE/UNB

MS. 03, OBR/BCE/UNB

MS. 177, Bibliothèque Municipale de Troyes, Troyes

MS. 259, Bibliothèque Municipale de Cambrai, Cambrai.

MS. ALC. 238, Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.

MS. Ashmole 1511, Bodleian Library, Oxford.

MS. Bodley 764, Bodleian Library, Oxford.

MS. Lat. 2495, Bibliothèque Nationale, Paris.

Bibliografia

- ADAMSON, Melita. *Food in Medieval Times*. Londres: Greenwood Press, 2004
- AZEVEDO, Pedro de. Uma versão Portuguesa da História Natural das Aves do século XIV. *Revista Lusitana*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, v. 25, nº1-4, 1925.
- BARATIN, Marc.; JACOB, Christian. *O poder das bibliotecas*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.
- BENTON, Janetta Rebold. *Materials, Methods, and Masterpieces of Medieval Art*. Santa Bárbara: ABC CLIO, 2009.
- CHAMBEL, Pedro Alexandre de Sacadura. *Os animais na literatura clerical portuguesa dos séculos XII-XIV – Presença e funções*. Tese (Doutorado) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003
- CLARK, Willene B. *A Medieval Book of Beasts. The Second-Family Beastiary: commentary, art, text and translation*. Woodbridge : The Boydell Press, 2006.
- _____. *The medieval book of birds: Hugh of Fouilloys's Aviarum*. Nova Iorque: Medieval & Renaissance texts & studies, 1992.
- CORDONNIER, Rémy. Haec Pertica est regula. Texte, image et mise en page dans l'avarium d'Hugues de Fouilloys. In: VAN DEN ABEELE, Baudouin (ed.). *Bestiaires médiévaux*. Nouvelle perspectives sur les manuscrits et les traditions textuelles. Louvain-la-Neuve: Institut d'études médiévales, 2005.
- DIAS, Elizangela Nivardo. A História, a Codicologia e os Reclames. *Revista Histórica*, São Paulo, ed. 4, 2004. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao04/materia01/codicologia.pdf>. Acessado em: 03/06/2018.
- GONÇALVES, Maria Isabel Rebelo. *Livro das Aves*. Lisboa: Edições Colibri, 1999.
- GREGORY, Tullio. Natureza. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, Bauru: EDUSC, 2006.
- GUREVICH, Aron. *Las categorías de la cultura medieval*. Madrid: Taurus, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- LITTLE, Lester K. Monges e Religiosos. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, Bauru: EDUSC, 2006.
- McCULLOCH, Florence. *Mediaeval Latin and French Bestiaries*. Chapel Hill : Univesity of North Carolina Press, 1962.

MEDEIROS, Juliana; VELOSO, Tiago. *Os manuscritos de Brasília*. Relações entre si e o Mosteiro de Lorvão. Trabalho apresentado no IX Semana de Estudos Medievais, Brasília, 2018.

MEREGE, Ana Lúcia. *História do livro manuscrito*. Disponível em: http://planorweb.bn.br/documentos/historia_bibliotecas/historia_livro_manuscrito.pdf. Acessado em: 03/06/2018.

PASTOUREAU, Michael. Símbolo. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, Bauru: EDUSC, 2006.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. *O Livro das Aves*. Fragmentos de um manuscrito desaparecido. Trabalho apresentado no I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/mariaeurydice.pdf>. Acessado em: 05/06/2018.

ROSSI, N (Org). *Livro das Aves*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

SILVA NETO, Serafim da. *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956.

TESNIÈRE, Marie Hélène. *Bestiaire Médiéval: Enluminures*. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2005.

VARANDAS, Maria Angélica. A Idade Média e o Bestiário. *Medievalista*, número 2, 2006.